

**ELEMENTOS
PARA UMA DIACRONIA E ESTRUTURA CONCISAS
DA PARASSÍNTESE EM PORTUGUÊS**

Paulo Mosânio Teixeira Duarte (UFC)
paulo.mosanio@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é na verdade uma sùmula, uma sùntese de estudos que empreendemos sobre compêndios, não se presta à sintagmática dos morfes descontínuos. Preferimos, portanto, o distribucionalismo. Em seguida, defendemos o emprego do morfema cumulativo para, por finalidades didáticas, tipificarmos a parassíntese. Começamos a estudar a parassíntese em dois grupos: o de formas com equivalentes a formas livres e dependentes e aquelas que não o são. Estudamos as condições de produtividade, que possibilitaram a germinação de um paradigma ou outro em vernáculo, dando as especificidades gramaticais e semânticas e gramaticais pertinentes a cada tipo de parassíntese, conforme o espírito de uma sùmula. Mostramos, o que é interessante, que o latim clássico também exibiu a circunfixação, o que é um dado para verificarmos um dia até onde é exagerado o limite posto entre o assim chamado latim vulgar e latim clássico.

Palavras-chave: Parassíntese. Diacronia. Linearidade. Distribucionalismo.

1. Introdução

Segundo Saussure, a linearidade seria uma das características da manifestação sintagmática das línguas naturais, segundo as quais os signos seguem-se um após os outros em sucessão temporal, na língua falada ou espacial, na língua escrita. Isto diz o *Dicionário de Semiótica* de Greimas e Courtés (1979, s.v. Linearidade). Porém, salvo erro de leitura nosso, o *Curso de Linguística Geral* (1979) fala de significante, não de signos.

O erro mais geral consiste em considerar o processo de linearidade como um processo frequente de toda semiótica, bem assinalam os autores do *Dicionário* supracitado: “uma semiótica planar possui uma semiótica dotada de uma manifestação espacial que não é necessariamente linear”, dizem no verbete. A oposição eixo *paradigmático* e *sintagmático* é puramente formal como bem destacou Hjelmslev (1974). Outro erro: a distinção língua/fala não é sinônima da de paradigma/sintagma.

Ao estabelecer distinção entre constituintes da expressão e do conteúdo e figuras da expressão e figuras do conteúdo (femas ou traços distintivos, semas) fica claro o porquê de a linearidade ter restrições: femas e semas não são lineares, as ambiguidades sintática e semântica ficam fora

do alcance da linearidade porque temos substancialidade fonológica, sintática e semântica.

Vale a pena transcrever estes trechos magistrais do saudoso Coseriu (1979, p. 170):

- a) O homem é o objeto dum saber anterior a toda ciência, pela consciência que tem de si mesmo.
- b) Uma nítida separação entre *forma* e *substância* não pode ser feita no aspecto fenomênico-objetivo da linguagem, porque o “mórfico” se comprova no *hilético*, o *hilético* se conhece pelo *mórfico*. [Coseriu segue aqui a Aristóteles na dependência da forma e da matéria]

Mais adiante, pondera sobre a abstração científica e sua legitimidade possível:

- a) Convenções semânticas como *a língua é somente forma, a língua é rede de funções*, não podem referir-se às línguas históricas, mas apenas a conceitos *a priori* (.....).
- b) Todas as formalizações da atividade linguística são legítimas, mas cada passagem a um plano sucessivo implica um *empobrecimento* em realização à realidade do falar.
- c) As várias orientações descritivas não são antitéticas, mas referem-se a planos distintos de formalização (1979, p. 173). [O que não implica que Coseriu ensaje ecletismo inconsequente]

No caso da parassíntese, autores respeitáveis como Bechara (1999) consideram a linearidade saussuriana em termos ortodoxos. E mesmo seguidores da glossemática, como Llorach (1981), que não parecem atentos à autoridade de saussurianos e hjelmslevianos ponderados, mas, preferimos o espaço aberto por Greimas e Courtés (1979), que, admite o distribucionalismo americano: o contexto de distribuição de formas. Assim, para nós, parassíntese ou circunfixação será um processo que consiste na anexação simultânea de circunfixos a uma base, ou, em termos tradicionais: prefixos e sufixos. Mais econômico que admitir prefixos anteriores a bases sufixadas.

Admitiremos, pois, como parassintéticos:

- a) Os que portam a modalidade aspectual inceptiva prefixal no infinitivo, como: *apodrecer, anoitecer, amolecer endurecer, entardecer, enfurecer; afinar, apenar; engrossar, endireitar*.

O sufixo *-ec-*, expliquemos, no infinitivo quer dizer só: *tornar-se* ou *tornar*, conforme o verbo seja usado intransitivamente ou transitivamente:

- O dia escurece (= torna-se)
- O sol escurece o dia (=torna)

Já o prefixo esclarece a mudança de estado:

- O cabo amolece (passa de duro a mole)
- A força amolece o cabo (faz passar de duro a mole).

Assim a formação parassintética para nós apresenta um prefixo com valor semântico, que causa a diferença em relação à mera formação sufixal. E um matiz semântico adicional vale em geral para a circunfixação.

Outra coisa a esclarecer: não trabalhamos com o conceito de zero, que consideramos perigoso por não termos limites precisos onde nos detenhemos conforme adverte Gleason (s/d). Veja-se o livro de Monteiro (1990) e o de Macambira (1978). Monteiro usa inclusive para a derivação conversiva, Macambira usa e abusa do recurso. No máximo, podemos valer-nos do alomorfe zero, se for imperativo.

Assim, nos casos de *engrossar*, *entortar* e *afinar*, valer-nos-emos da cumulação: o r é portador dos semas de infinitivo verbal e mudança de estado ou inceptividade. Jota (1981), no seu *dicionário de linguística* (1981), prefere o termo *inceptivo-continuativo*, pois exprime o processo verbal no começo e no desenvolvimento, mas isto é no plano discursivo.

Além do 1º tipo de parassíntese, podemos citar, em português:

- b) A parassíntese externa, *ensaboar*, sintaticamente *pôr sabão em* → (*algo*): a ação, tal como mostra a preposição, é externa.
- c) A parassíntese interna, como *encenar*, o contrário da de cima: *pôr algo em*- → *cena* (forma inserida no contexto da lexia).

As denominações acima são de Barbosa (1981).

Além das supracitadas, existem as:

- d) Subtrativas ou ablativas: implica retirada, como:
 - des: *desmatar*, *tirar a mata de*; *desfolhar*, *tirar a folha de*
 - es1: *espetalar*, *esfolhar* (dispensa explicitar sentido)
 - es2 (redundante): *escavar*, *esburacar* (a noção já está no radical)

e) Intensivas⁴:

esfaquear, esmurrar (ressaltam movimentos bruscos e intensos, diferente de hipotéticos *faquear e *murrar)

Nosso trabalho não se pode dizer pancrônico, pois pancronia é muita ousadia teórica e inconsequente, pois o sistema não muda de uma vez só, a um só tempo, por mais extenso que seja um trabalho não flagra nada pancrônico, pois só parcelas do sistema mudam. Será este trabalho uma humilde tentativa de fornecer elementos para uma história e estrutura da parassíntese no português. A princípio pensamos apenas num tipo, o mais aludido, que é o do tipo *escurecer, empobrecer, entortar*. Isto implicaria muito para esta edição: gráficos, referências à doutrina de Pottier das fases de desenvolvimento de um evento, que envolve a entidade e o comportamento, para explicarmos o estativo, o inceptivo, e o cessativo, e mostrarmos o ponto de contato entre os 2 últimos no plano discursivo. Assim, entenderíamos os verbos de natureza inceptiva e estativa em latim e a confusão deles nesta língua. Depois falaríamos na adjunção de prefixos e seus sentidos possíveis, não sendo parassíntese necessariamente, mas reforço à ideia sufixal ou intensidade entre outros. A fase final parassintética é uma possibilidade.

Mas não dispusemos de tempos para sintetizar esta primeira parte de nossa de pesquisa sobre a circunfixação, que pode ser inclusive comparativa entre duas línguas românicas. Assim, neste momento, fazemos uma apreciação geral, para, noutro, falarmos da parassíntese nominal em latim (clássica, não passou ao português) e depois das propostas de parassínteses nominais em nossa língua. Depois retomamos as parassínteses verbais com mais detalhe.

Mas uma novidade apresentaremos nesta súpula: a existência de parassintéticos verbais clássicos. As barreiras entre o latim dito vulgar e latim dito clássico não são insuperáveis como se apregoa. Basta um exemplo: uma formação como *dar^oabeo* que é o futuro corrente, tem estrutura clássica, pois a ordem é inversa: o verbo principal vem antes do auxiliar.

Dividiremos, para nosso estudo, os parassintéticos, segundo prefixos: aqueles correspondentes a formas livres e dependentes e aqueles que

⁴ As 2 denominações d) e e) acima são nossas.

não o são. Começamos por estes. Usaremos como *corpus* o Aurélio, edição de 1993. Outros dados aparecem de obras consultadas, dicionários, teses, gramáticas etc., exibidas ao longo da exposição. Reconhecemos as limitações do *corpus*, mas as injunções do nosso labor são coercitivas.

2. Prefixos sem correspondência com forma livre ou dependente.

2.1. DES-

Des- é prefixo de notável presença em português. Forma legitimamente vernácula, logrou em nossa língua prosperidade não alcançada por *dis-*, prefixo do qual procedeu⁵.

Permita-se-nos uma incursão histórica. As condições linguísticas favoráveis a *des-* já estavam postas desde idos tempos. No plano semântico, já existiam os traços de negação (cf. latim *displicere* "desagradar", *dissimilis*: "dessemelhante") e separação (cf. latim *discedere*: "afastar-se", *dissociare*: "dissociar"), ao qual se prende subsidiariamente o de "em sentido contrário". Outros traços, entre os quais o de ordem e disposição, ficaram excluídos. Explicam-se, assim, formações em português como *desleal* e *desfolhar*.

Em nossa dissertação de mestrado (1990, p. 127-128) sobre os aspectos semântico-gramaticais dos parassintéticos, tivemos a oportunidade de mostrar a vantagem de *des-* sobre *de-*. Baseado nos dados de Saraiva (1993), mostramos que, em português, parassintéticos latinos com *de-*, como *deartuare* "desmembrar" (< *artus*), *decorticare*, "descascar" (< *cortex*), *deflorare* "deflorar" (< *flos*), *deviare* "desviar" (< *via*) e *devirginare* "desvirginar", não lograram grande prosperidade.

Os parassintéticos vernáculos são majoritariamente formados com *des-*, como daremos a conhecer. Perceba-se que, nalgumas formações em português, houve troca de prefixo, conforme o *Dicionário Etimológico* de Cunha (1987): *desviar* (em lugar de **deviar*) e *desvirginar* (em vez de **devirginar*). *Des-* não ostenta vitalidade apenas em relação a *de-*. Podem-se registrar variantes com *des-* e *es-*: *descabelar/escabelar*, *desfolhar/esfolhar*, *desgalhar/esgalhar*, *despedaçar/espedaçar*, *despetalar/espetalar*.

⁵ Maurer Jr (1959, p. 243), em nota de pé de página, refere-se a *destabescat*, ligado ao infinitivo *destabescere*, "corromper-se", "derreter-se", em lugar de *detabescat*. Isto comprova a hegemonia de *dis-* sobre *de-*.

2.2. E-

E- é outro elemento relativamente infecundo em vernáculo, no léxico corrente. Para comprová-lo, bastam somente exemplificar com alguns itens lexicais. Constituem unidades léxicas, das classes dos verbos, que nos vieram prefixadamente desde o latim, a exemplo de efeminar (< *effeminare*), ejacular (< *ejaculare*), eliminar (< *eliminare*), elucidar (< *elucidare*), evadir. Produziram-se parassintéticos, cujo paradigma não chegou até nós:

- 1) *emascular* (< *masculus*), *eliminar* (< *limen*, soleira), *elinguare* (< língua), *elimare* (< lima), *emendare* (< *menda*), *evirare* (< *vir*).

Chegaram até nós formas como emagrecer (*emacrecere*), *emancipare* (< *mancipium*, “segurado pela mão escravo”) e *enjeitar* (< *ejectare*, “lançado fora”, com troca de prefixo), *emendar* (< *menda*, “incorção”).

Os dados são de Saraiva (1993), que vimos seguindo, junto com os de Romanelli (1964). Este prefixo, juntamente com o prefixo *DE-* prova que o latim clássico não desconhecia a parassíntese. Na verdade, E- tinha vários usos e sentidos: acompanhava formações em *-esco* (*enudesco*, *effloresco*, como prefixo aspectual), era intensivo, como em *ebibere* (beber até o fim), entre outros. Cada uso deste prefixo e de qualquer outro merece um alentado estudo.

Por sua vitalidade bem pouco pronunciada, *e-* não deveria figurar em nossas gramáticas escolares. Rocha Lima (1985, p. 176), porém, cita-o, ilustrando com o verbo *eleger*, dentre outros exemplos! Quem, senão o estudioso de latim identificaria em *e-* a noção fundamental de “movimento para fora”, atribuída ao prefixo?

Rocha Lima mistura, no exemplário, formações vernáculas com *es-*, como *espernear* e *esburacar*, com aquelas que caracterizam legado, a exemplo de *emigrar* e *evadir*.

Não nos prolongaremos sobre o prefixo *e-*, com exemplos do Aurélio, pois se prestaríamos tão somente a aumentar o número de formas herdadas.

2.3. ES-

O prefixo *es-* logrou, em alguns aspectos, de ordem distribucional, maior prosperidade do que *ex-*, com o qual se relaciona na origem. Não se anexa somente às bases substantivais, mas também às adjetivais e verbais. Participa tanto de formações prefixais quanto de parassintéticas. Neste último caso, conforme já asseverado, sofre concorrência de *des-*.

Es- se acha presente junto a bases verbais, no *corpus*. Aqui temos que distinguir formações herdadas: *escavar* (< *excavare*), *escorrer* (< *excurre*), *escoar* (< *excolare*) das formadas em nosso idioma: *escavoucar*, *esgaloppear*, *espraguejar*. Na primeira, em nível morfológico, configura-se redundância, já que a noção de "abrir cavoucos" está na base de origem, *cavoucar*. Nas outras duas, a nosso ver, não é possível identificar um significado preciso para o prefixo.

Os derivados *esgaloppear* e *espraguejar* não são meras variantes de *galoppear* e *praguejar*. A propósito disto, mencionem-se aqui outros exemplos do Aurélio em que ocorre variação semelhante: *esbambear/ bambear*, *esbombardear/ bombardear*, *esborrifar/ borrifar*, *esbracejar/ bracejar*, *enfervilhar/ fervilhar*, *espipocar/ pipocar*. O afixo inicial ostenta significado palpável, segundo as sugestões de Galery (1969) em sua tese doutoral sobre os prefixos intensivos em *Grande Sertão: Veredas*, vistos sob o enfoque estilístico. Reforça o processo verbal, intensificando-o, chamando atenção para ele, inclusive para a quantidade e o movimento.

Galery (1969) faz inclusive remissão ao latim, língua na qual havia o prefixo intensivo *ex-* e seu alomorfe *e-* com nítido valor intensivo: *ebibo* "beber até o fim", *edomio* "dormir a sono solto", *edoceo* "ensinar a fundo", *exaudio* "ouvir atentamente", *exposco* "cultivar vivamente". Não cremos, porém, que este seja o caso do português. Em *esgaloppear* e *espraguejar* e outros exemplos correlatos, há o acréscimo de noções intensivas por meio de intensidade no aumento dos movimentos. A noção de movimentos repetidos, de um ponto a outro, de ação que se exterioriza mais ou se estende já se concentra na base de origem.

Es-, além de constituir uma espécie de aumento morfossemântico junto a verbos, pode servir para formar parassintéticos deadjetivais e des-substantivais, estes havendo em maior número. Desde remotos tempos, os condicionamentos históricos foram favoráveis a ele. No latim, conforme dados de Saraiva (1993), já existiam parassintéticos com *ex-*: *extirpare*, *expectorare*, *exaquare*, *exsucare*, *excappare*. Destes dois últimos, registremos, provêm as formas portuguesas *enxaguar e enxugar* e *escapar*. As

duas primeiras geraram formas de uso menos corrente. Entre os deadjetivais, já havia a forma vulgar *excalentare*, da qual procede *esquentar*.

Apresentamos abaixo a lista dos parassintéticos em que o afixo inicial se liga à noção de exterioridade: escanhoar, espalmar, escarnar, esporrar, esgalhar, espreguiçar, esgoelar-se

Noutras formações, *es-* se associa a um sema identificável a movimentos explicitados: esbofetear, esmurrar, escoicear, espernear, esfaquear, espezinhar, esfuriar*, estapear.

A lista acima é ampliada por deadjetivais: esclarecer, esfriar, estontear, esvaziar, esverdear.

Há, enfim, derivados cujo prefixo parece ter o sema de separação, que intensifica o sentido da base: esbagaçar, esfarrapar, esfarelar, esmigalhar, esfarinhar, esmolambar.

É lamentável que o Aurélio, dicionário de fama entre nós, inexplicavelmente não acolha derivados vernáculos em *ex-*. Nossas gramáticas incorrem em erro idêntico. Rocha Lima (1985, p. 176), insigne gramática, contenta-se com exemplificações como *expectorar* (< *expectorare*, ligada a *pectus, oris* "peito"), *expelir* e *exprimir*.

Diga-se, de passagem, que o paradigma para as referidas formações não é novo, conforme testemunho de Maurer Jr (1961, p. 127), a respeito de *ex-*:

É hoje nas línguas românicas do Ocidente um verdadeiro prefixo nominal, servindo para indicar a pessoa que exerceu um cargo, mas não o exerce. Este começa a constituir-se no latim da decadência, aparecendo em uma forma tardia como exconsul e expatricius, isto é, "o que deixou de ser patricio" (Freund). De fato, já se poderia interpretar assim o plautino exheres (deserdado) inspirado no verbo exheredare (126 bis). O novo sentido de ex se desenvolve da significação de "fora de", daí "fora do cargo", e por fim "antigo ocupante do cargo". De fato, em latim se constrói às vezes com o nome no ablativo, e.g. exconsule em Sidônio Apolinário. Os exemplos se multiplicam pouco a pouco. Assim aparecem exadvocatus "qui fiut advocatus", expoenitentes "qui publicam egerant poenitentiam" (Du Cange). (1961, p. 127)

3. Prefixos correspondentes a formas livres e dependentes

3.1. A-, EM-

A- e em- são prefixos geradores de parassíntese por excelência em português. O primeiro, oriundo de *ad-*, bem como o segundo, proveniente de *in-*, têm-se destacado desde remotos tempos como formadores de parassintéticos no latim vulgar. O uso preverbal, destacado por Romanelli (1964) para ambos os prefixos, não se difundiu no latim corrente, contou com propícias condições históricas para a sua disseminação. Era empregado na língua popular em lugar de outros prefixos:

- 1) *addormicere* (em vez de *obdormiscere*), *adsurdescere* (em vez de *obsurdescere*), *atturare* (ao invés de *obturare*), *affocare* (em lugar de *offocare*). Também era utilizado em lugar de *e-*: *allongare* (em vez de *elongare*), *arructare* (ao invés de *eructare*). Tão formidável era a sua frequência de emprego que se acrescentou a formas verbais que na origem não o tinham, a exemplo de *adegaçar* (< **delicatiare*), *acontecer* (< **contigescere*), *aquecer* (< *calescere*), *arrender* (< *reponitere*), *arrefecer* (< *refrigescere*), *arremedar* (< **reimitare*), *arreganhar* (< *recanear*), *arrecadar* (< *receptare*), *apaniguar* (< *panificare*), *averiguar* (< *verificare*), *aviltar* (< *vilitare*).

A propósito do que foi dito acima, acrescentemos que ainda hoje se detecta, em linguagem não standard, formas verbais com *a-* protético:

- 2) *alevantar*, *arresponder*, *arretirar*, *adesculpar*, *alembrar*, *alimpar*, *amostrar*, *avovar*.

Não podemos deixar de assinalar legítimas formações parassintéticas, que remontam ao latim eclesiástico: *annullare* (< *nullus*) e *annhilare* (< *nihil*). É digno de nota que a parassíntese aí se deu com pronomes indefinidos e não com adjetivos e substantivos, o que demonstra a vitalidade do processo. Damos outras formações parassintéticas em perspectiva diacrônica:

- 3) *abarcar* (< *abbrachicare* < *brachium*, "braço"), *assolar* (< *adsolare* < *solum*, "solo"), *assomar* (< *assumere* < *sumus*), *addirectiare* (*adereçar*, depois *endereçar*), *affilar* (> *afilar*, através do francês).

In- teve também favoráveis condições históricas, se bem que não tão salientes quanto as de *ad-*. Semelhantemente a este último, deixou de

comparecer em ambiente pré-verbal, para se fazer presente em contexto pré-nominal. O latim vulgar nos legou variadas formações parassintéticas:

- 4) *immutescere* (> emudecer), **incalciare* (> alcançar, por cruzamento com *accalçar*), **ingrassiare* (> engraxar), *inviare* (> enviar), *enojar* (> inodiar), **infunare* (> enfunar)

Dadas as explicações devidas sobre os elementos prefixais, fazem-se necessários alguns esclarecimentos quanto ao sufixo *-ec-*, forma originária de *-escere*, esta formadora de verbos intransitivos. A princípio⁶ *-Escere* traduzia ideia inceptiva, que emergia do contraste entre verbo inceptivo e verbo estativo. Veio por *irradiação*, termo que Bréal (1992) cunhou para estabelecer migração paradigmática. De fato, se existia não em inceptivos, mas outras formas como *nosco* (conheço) *nascor* (nasço), *obliviscor* (esqueço), talvez para indicar residualmente formas de médio-passiva, indicadoras de sujeito paciente do processo verbal. Em português, temos irradiação *grosso modo* em *-dor* indicando lugar: *bebedor*, *provador* (lugar onde se prova roupa). Usa-se *-dor* em lugar de *-douro*

Ao verbo de estado se acrescentava o sufixo *-s(cere)*, que significava "começar a". O sufixo era, pois, inerente aos tempos do *infectum*. De *florere*, "estar em flor", derivava-se *florescere*, "começar a estar em flor"; de *calere*, "estar quente", gerava-se *calescere*, "começar a estar quente". Frequentes vezes, não havia a forma estativa e o sufixo se adjungia diretamente ao substantivo ou ao adjetivo:

- 5) *aurora* > *aurorescere*, *spuma* > *spumescere*
mitis > *mitescere*, (doce) *mollis* > *mollescere*.

Foi este último processo que passou ao português (bem como ao espanhol e ao sardo), em virtude da não prosperidade dos verbos de estado nestas línguas. Depois se acrescentaram prefixos a lexias com estes sufixos, primeiro como reforço, depois simultaneamente. Tal é nossa hipótese genética para a parassíntese ou circunfixação.

Prova é tal da convivência estativo/inceptivo, que temos evidências indiretas em português e em línguas irmãs:

⁶ Mas, como observa Väänänen (1975:218), a classe dos verbos inceptivos, que a princípio só compreendia verbos intransitivos, estendeu-se aos transitivos: *assuescere*, *insuescere*, "acostumar-se" e "acostumar", desde o antigo latim. No baixo latim: *augescere*, "aumentar", e *innotescere*, "dar a conhecer".

- 6.1) *Merecer* (em vez de **merir*, esperável do verbo depoente *me-reor*), *acontecer* (em vez de um verbo diretamente derivado de *contigere*, por exemplo: **contingir*), *perecer* (em vez de *perir*, que existe em francês), *carecer* (lat. class. *carere*, “ser faltoso de)
- 6.2) Em português: *car-ecer/car-ente*, *acon-ecer/conting-ente*, *fal-ecer/fal-ir* (arc), *forn-ecer/forn-ir* (arc), *guarn-ecer/guarn-ir* (arc).
- 6.3) Em italiano, em formas de tonicidade na vogal do presente do indicativo e do subjuntivo, existe vestígio de *sc*: *Io finisco, tu finisce*, mas *noi finiamo/finisca, finiscano* (ligadas a *finire*, “terminar”. Nem todos os verbos em *-ire* obedecem a este padrão, mas os derivados deadjetivais obedecem.
- 6.4) Em espanhol existem formas arcaicas, como *aburrir* (< *abhor-rere*, “ter horror de”) correspondente ao português aborrecer (< *abhorrescere*)

Nossa interpretação da inceptividade latina encontra apoio em Väänänen (1975, p. 218), que alude a uma advertência retirada de um compêndio gramatical, num momento em que reinava confusão entre os estativos e os inceptivos: *incipio calesco on est caleo, sed calere*, “tornar-se quente não é estar quente, mas começar a estar quente”. Esta consideração é de suma importância e deve ser considerada por causa da identidade formal das formas de *infectum*: *calesco* e *caleo* tinham como *infectum calui* (tornei-me/sou, estou quente), *rubesco* e *rubeo* tinham como *perfectum rubui* (tornei-me/estou, sou rubro). Ou seja: o fim do começo é uma consolidação do estado de algum modo. Permita-se-nos uma breve digressão sobre Pottier (1978).

Pottier (1978, p. 177) fala da categoria de desenvolvimento, que expressa o ponto de vista do falante a respeito do acontecimento em função do ponto de vista que ele decidiu: a fase (em função do ato que ele desenvolve: *estou comendo*, na hora de comer), a modificação da fase (ex.: *começo a escrever, paro de escrever*), a relatividade das fases (relaciona duas fases: *ainda dorme*). A relatividade das fases se dá por meio de tempos: se dizemos: *começou a chover*, o estado chuvoso se fixa. Difere de *começava a chover*. O autor trata melhor disto quando fala das modificações de estado (1978, p. 181). Um tratamento apurado da doutrina de Pottier nos permitiria relacionar com mais esmero a relação inceptividade e estatividade em termos de graus, não apenas em termos de cessatividade, mas isto iria nos levar muito longe do nosso escopo, pois a teoria merece aqui e

acolá reflexões e nem sempre acolhidas, o que não implica ser descartável, muito pelo contrário, pois ortodoxia não é bem-vinda em nenhum domínio da existência. Ademais, existe uma obra aperfeiçoada e significativamente melhorada de Pottier (1992), de base cognitiva, que deveríamos considerar, *Sémantique Générale*, publicada pelas Presses Universitaires de Frances (Paris). Como foi meramente citada, não a poremos nas referências bibliográficas.

O aspecto inceptivo, pelo menos nos moldes latinos, não mais vigora em português. Isto se deve à derrocada do harmonioso sistema verbal latino, que se fundava na oposição entre formas de *infectum* e de *perfectum*. A distinção das séries infectivas e perfectivas foi seriamente perturbada para dar saliência à noção de tempo. (Cf. CAMARA JR., 1985, p. 125-27)

O sufixo *-ec-* tanto se faz presente em tempos de aspecto conclusivo quanto naqueles de aspecto inconclusivo: *escureceulescurecia*, por exemplo. A ideia que vigora em vernáculo é a de tornar-se quando o verbo é intransitivo, e a de tornar quando o verbo é transitivo. Ambas as acepções podem ser vistas no início, no desenvolvimento ou no final. Acrescentemos que os verbos em *-ec-* podem combinar-se com auxiliares veiculadores da ideia de cessação.

O que dissemos no parágrafo acima sugere uma reanálise da inceptividade em português. Afinal, ainda hoje não só os gramáticos tradicionais, como também os que se valem da linguística moderna, a exemplo de Monteiro (1990), afirmam que os derivados em *-ec-* indicam começo de ação, o que é verdade no domínio da palavra isolada, mas pode significar continuidade, permansividade e final de começo, o que culmina num estado: *estou envelhecendo, fico envelhecendo, tenho envelhecido, envelheci* (= estou velho).

É estranho que nossas gramáticas mencionem a ideia de início de ação para os derivados em *-ec-* e não para os derivados deadjetivais em *-r*, como *afinar* e *engordar*, que carregam a mesma noção que *apodrecer* e *empobrecer*, e ostentam o mesmo comportamento sintático destes. Isto se deve à influência da gramática latina, provavelmente.

Quanto aos derivados sufixais e parassintéticos de infinito em *-are*, teoricamente apenas causativos, teriam a forma inceptiva na forma médio-passiva. Mas isto é teórico. Considerando o latim corrente de feição popular, cremos que o problema se resolve postulando-se que, desde há

muito tempo, não se usava a voz passiva mórfica. O verbo era usado intransitivamente na forma ativa mesmo como sentido passivo ou com alguma forma pronominal. A pesquisar. Mas sabemos que Plauto já documentava em suas comédias não empregava a forma depoente: era *horto* por *hortor*. Para darmos um exemplo em português:

- a) A tempestade afundou o navio
- b) O navio afundou com a tempestade

3.2. DE-

Já falamos deste prefixo quando falamos de *des-*. Tornamos a fazê-lo mais detidamente ainda que com repetição.

Em nosso rastreo, há dois tipos de formação: os de natureza vernácula e os que vieram até nós, por intermédio do latim. Estes últimos são relativamente bem representados. Constituem-se de infinitivos verbais e raros nomes, em que o prefixo, além do sema fundamental de "afastamento" (ex.: defluxo), exhibe outros, com ele relacionados: negação (decrecer, demérito), privação (depilar) e duração, indicando neste caso que ação, estado ou processo se estendem (delinear, delongar e deperecer). Há muitos parassintéticos: *deviare*, *défalquer*, que nos chegou via italiano provavelmente do latim medieval sob a forma *desfalcar* (< *falx*, *falcis*, "foice", *decapitar* (< *caput*, *capitis*, "cabeça") deflorar, que existe junto a *desflorar*, o que atesta a vitalidade de *des-*, já comentado.

Em português, *de-* se adjunge a bases verbais, com o sema fundamental de "afastamento". Num exemplo do *corpus*, indica "de cima para baixo": *dependurar*, onde o prefixo é redundante, já que a noção pode ser identificada no radical; noutra, indica "separação" ou "privação": *debicar*. O verbo aí significa, a partir dos constituintes "puxar com o bico" e daí "comer pouco (como as aves)", "comer em pequena porção". Num outro caso, o sema do afixo é "deslocamento a partir de determinado ponto": *demarcar*. Há, enfim, o sema "em sentido contrário": *decifrar*, *decodificar*.

Existem também as formações de caráter denominal: *dealquilação**, *deaminação** e *detoxicação**. São termos da linguagem técnica, mais especificamente relacionados com a nomenclatura química. Significam respectivamente "retirada dos radicais alquila", "retirada dos radicais amina" e "retirada da toxidez". Mesmo os exemplos denominais pressupõem as bases *dealquilar*, *deaminar* e *detoxicar*, que não sabemos serem

ou não existentes, pois não dispomos de manual ou dicionário especializado para as devidas elucidações.

Há, adicionalmente, três parassintéticos denominais vernáculos: *debandar* (< de + bando + ar), *depenar* (< de + pena + ar) e *defumar* (< de + fumo + ar).

De- pode ocorrer também junto a adjetivos, indicando "proveniência", conforme exemplo único do Aurélio: *deverbal*. A partir dele, no domínio da linguística, criaram-se outros exemplos, registrados e inclusive já empregados por nós: *deadjetival*, *dessubstantival*. Acrescem-se a outros, confinados em terminologia técnico-científica. O *corpus* não oferece exemplos de *deadjetivais*.

De- está longe de ostentar expansão semelhante à de *des-*, tendo compulsado a mencionada obra lexicográfica, deparamo-nos com exemplos abstrusos de parassíntese, não só quanto ao aspecto raridade, mas também quanto à própria natureza da formação (ex.: *deflegmar* e *decriptar*).

Eis os sentidos das formações parassintéticas:

- 1) *deflegmar* (quím. de + phlegma + ar: tirar o muco), *degasar* (quím. provocar a desgaseificação de um sistema), *degranar* (tirar os grãos), *deletrear* (literário: ler letra por letra), *demitizar* (religião: escoimar de mitos a religião cristã).

Ressalte-se a concorrência de *de-* com *des-*, valendo-nos de formações prefixais além das parassintéticas: *despolarizar*, *desvitrificar*, *desflegmar* e *desgasar*.

Muitas palavras existem, mas opacas em nossa língua: *deturpar* (< *turpis*, "torpe"), *depravar* (< *pravus*, "torto" em sentido moral), *delirar* (< *lira*, "linha reta", isto é "afastar-se da linha reta", psicologicamente falando).

4. Aspectos conclusivos

Muito caberia dizer, porque sempre fica algo por dizer no discurso científico. Por exemplo: como se relacionam de forma menos extrema a estatividade e a inceptividade. Como se deu a gênese da parassíntese verbal? A nós parece que o primeiro passo foi a prefixação como reforço. Noutros casos, talvez não haja vingado por causa de muitos semas específicos. *EM-* e *A-* conservam os semas de diretividade ou mudança espacial

nocional, sendo nocional empregado tal como Pottier emprega. Hipótese a testar.

Não deixa de ser intrigante que outros usos de *IN-* e *AD-* não tenham vingado. *AD-* só é usado no discurso científico conforme dados do Aurélio.

Isto desfaz o preconceito de que o povo tende mais a noções concretas. Ora as parassínteses nocionais são mais abstratas.

Parassintéticos a serem mais investigados são os de verbos indicadores de golpes e movimentos como *esmurrar* e *espernear*. Influência latina ou vernácula das formações prefixais intensivas?

Outro aspecto a ser estudado: por que alguns prefixos clássicos não lograram difusão nas línguas românicas. Dizer: porque são clássicos é tautologia. Perguntamos por que se mantiveram clássicos.

E quanto a estes clássicos, convém analisar o tipo de discurso em que se inserem e que registro assumem e se tem muita metaforização. Considere-se o gênero discursivo. Isto revelaria muito de ascendência erudita.

Seria bom pesquisar a possibilidade de parassíntese nominal em português, discutindo propostas como a de Louis Guilbert aplicada ao português e a da Professora-Pesquisadora Margarida Basílio. O problema é o fundamento sintático, que engendraria outro tipo de circunfixação. Lemas, mas ainda não me convenceram e não maturaram em nós para um debate articular. Estamos, todavia, convencidos da parassíntese nominal em latim morficamente estabelecida a partir do bom *corpus* de Romanelli (1964), embora o autor não cite o processo, pois o livro é mais de listagens de formas e sentidos de prefixos. Fica para outro trabalho.

Um fator consideraremos: o latim clássico era língua imota, meio artificial, literária, helenizada, circunscrita a um tempo e a condições sócio-históricas bem claras. Muitas formações talvez sequer tivessem expansão nele para difundir-se naturalmente para o seio popular ou se difundiam “normalizadas”. Exemplo: o redobro verbal: *cecini* (cantei), *tetigi* (toquei). Alguns infinitivos dissonantes: *esse* (“ser”, em italiano normalizado *essere*), *velle* (“querer”, em italiano, normalizado *volere*). A língua popular ia buscar novos meios de expressão. E teve tempo demais para se elaborar porque o latim dito vulgar é mais antigo que o latim clássico, é língua viva, corrente, em que as formas, o sistema é real sistema de possibilidades. Plauto já retrata o assim chamado latim vulgar. As famosas *Defixionum*

Tabellae ou *Tábuas Execratórias* retratam um latim arcaico, e este é o latim denominado vulgar. E este prossegue depois da queda do Império Romano, magnificado pelas forças externas das invasões bárbaras e invasão muçulmana. O que foi daninho para uma modalidade de latim não o foi para a outra modalidade.

Bem assevera Coseriu, que sabiamente separa diacronia e história (externa ao sistema): sincronia e diacronia têm em comum a história, pois sincronia não é imune aos fatores históricos. A língua se constitui diacronicamente e funciona sincronicamente. Ambas são interiores ao sistema. Este será para trabalhos deste jaez nosso ponto de partida, contido em magnífica obra *Sincronia, Diacronia e História*, que nos privamos de citar nas referências bibliográficas por ser de fundo conclusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Aparecida. *Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*. São Paulo: Global: 1981.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

CAMARA Jr. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão: 1985.

COSERIU, Eugeniu. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. *A derivação parassintética: uma abordagem sincrônica e diacrônica quanto aos seus aspectos gramaticais e semânticos*. 1990. Dissertação (de Mestrado). – UFMG, Belo Horizonte.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário da língua portuguesa século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1999.

GALERY, Ivana. *Prefixos intensivos em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.

GLEASON, H. A. *Introdução à linguística descritiva*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, [s/d]

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

HJELMSLEV, L. L. *Prolegômenos a uma teoria da gramática*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LJORACH, Emilio Alarcos. *Gramática estrutural*. Madrid: Gredos, 1974.

MACAMBIRA, José Rebouças. *Português estrutural*. São Paulo: Pioneira, 1978.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

_____. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia da língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1990.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença/Universidade de Santa Úrsula, 1978.

ROMANELLI, R. C. *Prefixos latinos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1993.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1979.

VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1975.